

EDITORIAL

É com grande alegria que apresentamos aos nossos leitores este 1º fascículo do 20º volume da Revista. São 20 anos de publicação ininterrupta. Trata-se para nós de um momento histórico que é ao mesmo tempo, uma celebração do percurso que trilhamos até este momento e uma abertura de outros caminhos a trilhar.

Conforme anunciamos no editorial anterior, a Revista passa por uma série de transformações. Com este número ela é rebatizada para *Fractal: Revista de Psicologia*. Além desta mudança, destacamos que a partir deste número a Revista passará a ser publicada em formato eletrônico e não mais em formato impresso.

Organizamos este editorial na forma de uma comemoração. A etimologia da palavra comemorar é de origem latina – *commemorare* – e significa trazer à memória. *Commemorare* também significa *com-memorare*, isto é, recordar com, recordar junto com o outro. Assim, com este editorial convidamos o leitor a lembrar conosco a nossa história, a seguir os movimentos que fizeram surgir a Revista há quase 20 anos atrás. Movimentos atravessados por lutas e embates políticos, pela afirmação de um modo de pensar e praticar a psicologia no qual nos engajávamos. Movimentos plurais, tecidos na academia, nos bares, na vida. Nos textos a seguir os leitores encontrarão algumas marcas destes movimentos. Eduardo Passos assina texto no qual discute a mudança de nome da Revista para *Fractal: Revista de Psicologia*. Em seguida, Luis Antônio Baptista, distinguindo saudade de nostalgia, relembra os encontros, as saideiras, os bares, os afetos que agitaram o surgimento da Revista no final dos anos 80. Regina Benevides, em entrevista, nos fala um pouco sobre a Universidade, o Departamento de Psicologia que ela chefiava na ocasião do lançamento do primeiro número da Revista. Fechamos este editorial com o texto, assinado por Regina Benevides, que consta no vol. 1, n. 1 da Revista.

Marcia Moraes

Maria Lívia do Nascimento

DA REVISTA DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA À FRACTAL: REVISTA DE PSICOLOGIA

*Eduardo Passos*¹

A Revista do Departamento de Psicologia - UFF nasce em 1989. Já se vão quase 20 anos de produção. Era outro tempo da universidade brasileira. Eram outras expectativas no que se refere à produção acadêmica e ao ambiente universitário. Naquele ANO1 – No. 1 podíamos ler textos de Cristina Rauter, Regina Benevides, Ângela Fernandes, Denise Jabour, Luís Antônio Baptista e Lília

¹ Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Endereço: Campus do Gragoatá, s/ nº, bloco O, 2º Andar, Sala 218, Gragoatá, CEP: 24210-350 - Niterói - RJ – Brasil. Eduardo Passos é membro do Conselho Editorial da Revista desde o ano de 1991.
E-mail: gsi@vm.uff.br.

Lobo, todos professores da UFF que faziam daquele espaço editorial uma *ágora* para o debate de temas que desde sempre nos mobilizaram: as práticas psicológicas no campo da justiça penal, os grupos e instituições, a formação de professores e a escola, as ecologias, os processos cognitivos, psicologia e história. Na capa, uma coluna grega tomando toda a cena, sustentando algo. Não se podia mesmo supor, naquele momento, quantas mudanças viveríamos, quantas transformações experimentaríamos no sentido da nossa produção e no modo de ocuparmos os espaços universitários.

Hoje estamos rebatizando a revista, fazendo jus ao movimento da mudança, afirmando-o, sem abirmos mão do que nos moveu, do que foi princípio disparador de nossas ações: a transdisciplinaridade, a inseparabilidade entre clínica e política, entre produção de saúde e produção de subjetividade, a aposta em outras políticas cognitivas, a defesa do comum e do público. Mudamos e repetimos a um só tempo, eis o paradoxo que nos orienta na nomeação da revista. Vamos designar doravante este periódico de *Fractal*. Por que este outro nome? Há aqui uma aposta.

A noção de fractal é um neologismo criado a partir das pesquisas de Benoit Mandelbrot, geômetra que na década de 70 dedica-se a pensar uma dimensão entre a superfície e o volume, isto é, uma figura intermediária que descreve uma dimensão fragmentar (daí fractal). Mandelbrot queria dar conta do que parecia um espaço impensável, do que escapava das geometrias do regular e do inteiro. Queria dar conta do que é intermediário, do que está no interstício: nem isso, nem aquilo. Era forçado a pensar a partir da irregularidade da costa da Bretanha, das formas das nuvens, dos cristais da neve.

Um objeto fractal é aquele cuja condição fragmentar se apresenta nas diferentes escalas com que o examinamos. Um exemplo clássico é o de um triângulo que se subdivide em quatro, e cada um desses em quatro numa operação ao infinito. A figura que resulta dessa operação qualquer que seja a sua forma atual possui nos seus diferentes níveis de análise o mesmo princípio de organização. Um programa fractal, nesse sentido, permite a criação de diferentes formas que, de fato, são apenas modulações de uma mesma unidade de formação. A repetição do fragmento realiza, então, uma gênese, uma criação. Repito e diferencio, fractalizo.

Tal fragmentação parece abolir qualquer possibilidade de unidade de uma narrativa geral, embora a operação fractalizante se estenda na forma de redes incommensuráveis, hiperextensas, hiperconectantes que, em cada nó da trama, apresenta a característica do todo. O fragmento porta o todo, contém o todo que não deixa, portanto, de ser ele também fractal.

Fazendo este elogio do fragmento, exortando a força da parcialidade, afirmando a potência do local, operando com a repetição diferenciadora, a realidade se apresenta como um sistema fractal onde cada elemento comporta o todo ou é germe dinâmico para outras totalizações. Cada fragmento da realidade traz virtualmente a totalidade da Natureza em germe. Por isso, o primado do funcionamento ou da maquinação: no fragmento encontramos um modo de operar que não nos

permite, no entanto, determinarmos que forma advirá, que totalização emergirá. O que queremos dizer é que com os fragmentos da realidade pode-se operar a criação de outras Naturezas ou realidades. Uma vez destacado ou desterritorializado um fragmento de dada organização ou estrato da realidade, pode-se fazer a aposta na sua potência de germinação de novos territórios: aposta fractal.

Escolher o nome *Fractal* é, então, fazer nossa aposta no que a um só tempo sentimos repetir e diferir – repetir nossa alegria de estarmos ainda juntos, repetir nossa afirmação no pensamento crítico da psicologia, na transdisciplinaridade, para diferir de nós mesmos, para pensarmos, sentirmos e fazermos de outras maneiras.

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA – UFF: 20 ANOS

Luis Antônio Baptista²

Um amigo italiano, estudioso da cultura brasileira, certa vez me perguntou qual a diferença entre nostalgia e saudade, já que na língua italiana a palavra saudade é inexistente. Após um longo período de conversa deduzimos que nostalgia seria o desejo do retorno de algo valioso do passado, o apego a fatos ou pessoas ameaçadas de perderem os seus rastros em nossas lembranças. A saudade, ao contrário, não almejaria a recuperação de algo que passou, a restauração do acontecimento consumado, e sim a experiência do mais uma vez, o experienciar no presente o passado não esgotado, o desejar o por vir. A nostalgia despreza o agora; ela não quer o mais uma vez na sua possível diferença, a intensidade do inacabado, mas o retorno literal da verdade do outrora. Da nossa conversa em Roma deduzimos que saudade era desejo de futuro. Lembro deste episódio como um alerta afetuoso para contar, de modo breve, como foi criada a nossa revista. Ela nasceu no bar da Dona Sônia, um botequim próximo ao antigo prédio da Psicologia. Semanalmente um grupo de professores reunia-se para tomar cervejas após o trabalho, conversar assuntos sérios e jogar conversa fora. Ríamos, brigávamos, falávamos ruidosamente no bar da chilena refugida no Brasil após o golpe militar no Chile. Vivíamos a segunda metade dos anos oitenta: o luto pela morte de Foucault, as polêmicas da constituinte, o massacre dos estudantes na China, as publicações dos exilados recém chegados, o cotidiano do departamento, as greves, isto tudo misturado as nossas dúvidas e desejos nesta década peculiar. Falávamos muito, divergíamos muito, atravessados por esta história plena de promessas e sobressaltos. Entre cervejas e o constante alarido das nossas enfáticas avaliações existiam afetos que perduravam após a interminável saideira. No dia seguinte os efeitos destes encontros tramados no pé sujo invadiam nossas aulas impedindo-nos a apatia ou o tédio pelos acontecimentos contemporâneos. Tínhamos tempo e o usávamos com vida. O Brasil tentava mudar, o mundo entrava ruidosamente

² Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Endereço: Campus do Gragoatá, s/ nº, bloco O, 2º Andar, Sala 218, Gragoatá, CEP: 24210-350 - Niterói - RJ – Brasil.
Email: gsi@vm.uff.br

no botequim da Dona Sônia, e nós, misturados a isto tudo desejávamos algo que se diferenciasse das conservadoras publicações da Psicologia. Em uma noite de 1988 eu, Júlio, Sílvia, Luigi, Manoel,³ inventamos a revista.

O bar acabou, não nos reunimos mais, não temos tempo, o mundo mudou, a universidade é outra, as sociabilidades inspiram-se nas conveniências da produtividade, agora passamos, circulamos, corremos e nada acontece. O botequim fechou, mas permanece o ruído que produziu a nossa revista, à semelhança do eterno da arte definido por Baudelaire, o eterno que transgride os limites do irremediável, que viola os limites do concluído, aquilo que faz a história respirar para um próximo golpe ou corte. Uma alegre saudade me diz que algo poderá acontecer, mesmo sem a nossa interminável saideira.

ENTREVISTA COM REGINA BENEVIDES:⁴ 20 ANOS DA REVISTA DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA - UFF

Entrevistadoras: *Marcia Moraes e Maria Lívia do Nascimento*

Entrevistadoras: O que fez surgir no Departamento de Psicologia da UFF o movimento de criação de uma Revista?

Regina: A vontade de compartilhar o que o departamento vinha produzindo, a vontade de chamar outros parceiros para a conversa, a certeza de que o debate acadêmico se faz na riqueza do encontro com a diferença, a vontade de contribuir para o debate democrático que crescia no país.

Mas, também, a necessidade de lançar o Departamento de Psicologia da UFF no cenário nacional com mais força, visibilidade mostrando o que de modo singular vinha fazendo.

Entrevistadoras: Qual era o contexto político, acadêmico, afetivo daquela época no Departamento de Psicologia da UFF?

O Departamento vivia um momento muito rico, de muita integração entre as áreas e um forte e crescente trabalho junto aos alunos. No período de 1987 a 1989 fazíamos debates entre professores com a participação dos alunos a que chamávamos de “Encontros e Confrontos”, estimulando a apresentação das pesquisas, dos trabalhos de extensão que os professores e alunos realizavam. Estes debates além de criar um ambiente acadêmico de troca e produtiva provocação, geravam textos

³ Nota dos Editores: Neste trecho Luis Antônio refere-se aos professores: Júlio Carlos Figueiredo, Sílvia Josephson, Luigi Moscatelli, Manoel Vital Fernandes, membros do Conselho Editorial do primeiro número da Revista do Departamento de Psicologia – UFF. Além destes docentes, compunham o Conselho Editorial: Angela Fernandes, José Novaes, Luis Antônio dos Santos Baptista, Margarida Gouveia, Teresa Cristina Carreteiro. Todos os membros do Conselho Editorial eram professores do Departamento de Psicologia – UFF. Nesta época a Revista não contava com a figura do Editor Responsável, sua gestão ficava a cargo do Conselho Editorial e da Comissão Executiva composta pelos professores Luis Antônio dos Santos Baptista e Sílvia Josephson.

⁴ Regina Benevides é professora aposentada do Departamento de Psicologia da UFF. Na época do lançamento do primeiro número da Revista, Regina era Chefe do Departamento de Psicologia da UFF.

que precisavam ganhar espaço público ampliado. Entendíamos que esta era a função primordial da Universidade em seu tripé indissociável da pesquisa, extensão e ensino – publicizar sua produção comprometendo-se com a transformação da sociedade. A revista poderia ser um meio para esta função de publicização.

Nunca é demais lembrar que estávamos em fins dos anos 80, década que se caracterizou pela luta pela redemocratização do país onde constantemente tínhamos que defender um projecto para a Universidade que era constantemente atacado pelas perspectivas privatizantes do ensino.

O Departamento crescia e se alegrava com este compromisso. Era uma época de muito trabalho, bons encontros, reuniões animadas, debates intensos, festas... encontros e confrontos.

Entrevistadoras: O que esperavam da Revista? Quais eram os planos para a Revista?

Regina: A Revista era um meio para toda esta explosão de produção. Queríamos que ela atravessasse fronteiras, que ela compusesse o cenário nacional da Psicologia com suas contribuições críticas.

Entrevistadoras: Como foi o processo de implantar a Revista? Quais as dificuldades?

Quais as forças, os apoios que vocês tiveram neste processo? Quem eram os parceiros?

Regina: A implantação da revista foi, como se pode imaginar, difícil. Não havia verba específica para este tipo de projeto. Nós ainda não tínhamos pós-graduação stricto sensu onde se poderia conseguir algum outro tipo de recurso. Contamos com o apoio do ICHF. Palharini e Novaes⁵ foram parceiros fundamentais para que o primeiro número saísse. Os professores se mobilizaram. Fizemos um sistema de quotas para este número, cada um contribuindo com certa quantia.

Entrevistadoras: Como você avalia estes 20 anos da Revista - o que mudou?

Regina: Levei um susto quando Marcia e Livia convidaram-me para participar do número comemorativo dos 20 anos da Revista! Não havia me dado conta deste tempo! Fiquei muito feliz porque foi a chance de “revisitar o percurso da Revista” que diria foi de resistência, qualificação e, sobretudo, de compromisso com a Universidade Pública e gratuita para todos. A revista foi, por um lado, aquilo que queríamos em 1989: meio, medium para passar, expressar, difundir, publicizar idéias, textos, produções de professores e alunos da UFF e de outras Universidades. Por outro lado, foi muito mais. Foi analisador das crises pelas quais a Universidade vem passando, seja quando não se consegue até hoje uma política clara de sustentabilidade para a publicação da produção acadêmica, seja

⁵ Nota dos Editores: Em 1989, quando foi lançado o primeiro número da Revista do Departamento de Psicologia – UFF, os professores Francisco de Assis Palharini e José Novaes eram, respectivamente, diretor e vice-diretor do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da UFF.

quando se vê enquadrada em normas que lhe são sistematicamente impostas verticalmente por instâncias que se tornam meramente reguladoras e avaliadoras da produção por critérios quase sempre pouco debatidos e partilhados.

Lendo a apresentação que havia escrito em 1989, quando tive a honra de ser chefe do Departamento, alegro-me em ver que a Revista, mais do que uma reunião de artigos, afirmou-se enquanto proposta de trabalho, como um caminho que pudesse expressar as diferenças que sempre animaram o GSI.

Lendo a apresentação,⁶ continuo desejando que os próximos 20 anos da Revista sejam oportunidade de intervir no socius, no campo da Psicologia, no modo como nos comprometemos com a produção acadêmica voltada para um pensamento crítico, libertador. E não temamos esta que, mais do que uma palavra, vem-nos como inspiração dos anos em que a Universidade brasileira tinha este como seu princípio fundamental – a libertação.

⁶ Nota dos Editores: O texto de apresentação do primeiro número da Revista, publicado em 1989 e assinado por Regina Benevides, está publicado neste editorial.

**APRESENTAÇÃO DO VOL. 1, N. 1 DA
REVISTA DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA – UFF, 1989**

Regina D. B. de Barros
Chefe do Departamento de Psicologia/UFF

“É necessário apresentar estes ensaios? Acaso não se apresentam eles mesmos? Apresentá-los será representá-los, pô-los em representação.”

Lyotard, J. F.

A Revista estava pronta. Alguns anos haviam se passado desde as primeiras idéias de se criar um instrumento que pudesse fazer circular fragmentos do nosso pensar.

Bem sabíamos que a Universidade não é um “espaço independente, consagrado à elaboração e transmissão do saber”. Afinal, uma sociedade como a nossa, só tem subsistido porque violenta a integração de suas próprias funções. Ela não suporta, portanto, uma zona de livre conhecimento e expressão.

Buscávamos sua democratização, mas entendíamos que este caminho passava pela construção de ferramentas, de obras, que permitissem a compreensão crítica da realidade sob todas as suas formas e a liberação do poder de expressão.

A idéia da revista nos pareceu uma possibilidade de intervir. Intervir no espaço social que ultrapassa os muros da Universidade. Intervir nos fechados e isolados discursos da “ciência” academizada que buscam apenas o referendo narcísico de suas hipóteses. Intervir sobre nós mesmos, buscando trazer nossa produção para discussão coletiva.

A Revista é, assim, mais do que uma reunião de artigos; é uma proposta de trabalho, um caminho. Convidamos todos os leitores a virem percorrê-lo conosco.

